

# IMAGEM EM AÇÃO

O revolucionário Robert Wilson, que reinventou a ópera e o teatro, apresenta uma série de retratos em que celebridades como Brad Pitt e Winona Ryder são filmadas quase imóveis. Essas telas vivas estão em cartaz no Rio Por Marcela Jacobina

**C**elebrado por ter revolucionado o teatro e a ópera, o americano Robert Wilson, 70 anos, inovou mais uma vez. E em nova seara. Na série *Video Portraits*, abrigada até 15 de maio no Instituto Moreira Salles, no Rio (depois de um giro pelo mundo que começou em 2006), ele apresenta 14 elaborados vídeos quase imóveis – ou seriam retratos com um sutil movimento? Se na ópera a coreografia tem de ser grandiosa e exagerada, nessas imagens o drama se concentra num sutil piscar dos olhos ou em um vento que perturba alguns fios de cabelo. Em foco, atores, esportistas, escritores e até uma princesa – um dos objetivos do trabalho era documentar as personalidades que definem a era em que vivemos, consideradas pelo artista deuses do nosso tempo.



Brad Pitt ficou debaixo de chuva, enquanto Johnny Depp imita uma imagem feita por Man Ray em 1921. Já Winona Ryder lembra a personagem principal de *Dias Felizes*, de Beckett



Inspiradas no trabalho de retratos de celebridades de Andy Warhol, as “telas” vivas de Bob Wilson trazem um Brad Pitt de cuecas e meias debaixo de uma chuva torrencial (capa da *Vanity Fair* de 2006). O portrait de Johnny Depp imita uma foto de Marcel Duchamp feita por Man Ray em 1921. Na trilha sonora, textos de T.S. Eliot e do dramaturgo alemão Heiner Müller recitados pelo próprio Wilson. Já Dita Von Teese, sentada em um trapézio de circo com sons de avião ao fundo, é a perfeita *showgirl* dos anos 40 à espera de seu amante; enquanto o performático artista plástico chinês Zhang Huan é

envolto por uma nuvem de borboletas – seu corpo foi coberto com açúcar para atraí-las. “A ideia é que, ao bater o olho na foto, você não note movimento algum. Mas, depois de um tempo, você vê algo se mexendo. É como uma natureza morta, só que viva”, explicou Wilson ao *The New York Times*.

Elegante, de paletó escuro, camisa abotoada e cabelos grisalhos, o artista conta, no *making of* da exposição, que cada filmagem (50 no total) foi uma odisséia à parte, que começava com sketches e ao final consumiu US\$ 40 mil, muitos e-mails, telefonemas e paciência – especialmente durante a árdua tarefa de combinar agendas com profissionais como Mikhail Baryshnikov, Sean Penn, Robert Downey Jr. e Isabella Rossellini. Só a montagem de luz e cenário de cada retrato demandava dez horas de trabalho, mais uma para as filmagens em si. Caroline de Mónaco, por exemplo, foi retratada de forma a lembrar sua mãe, Grace Kelly, em *Janela Indiscreta*. A princesa, amiga de Wilson, aparece de costas, usando um longo preto Giorgio Armani. A iluminação é suave, com foco nas mãos e na fenda

do vestido. Já Winona Ryder revive a personagem principal de *Dias Felizes*, de Samuel Beckett, e parece enterrada na areia até o pescoço. O artista não só preparou cuidadosamente cada cenário e iluminação, como dirigiu até o piscar de olhos e o levantar de dedos eventual de seus atores.

Nascido em Waco, no Texas, em 1941, Robert Wilson logo trocou o ambiente ultraconservador que o rodeava pela efervescente

**Só a montagem de luz e cenário de cada retrato demandava dez horas de trabalho. O artista dirigiu até o piscar de olhos e o levantar de dedos eventual dos atores**

Nova York. Ali, exerceu sua multiplicidade como arquiteto, escritor, diretor, performer, designer, ilustrador e artista plástico. Homossexual assumido, adotou uma criança negra, surda e muda nos Estados Unidos ultrarracistas dos anos 70 – em quem se inspirou para criar uma de suas primeiras grandes produções teatrais, *Deafman Gance*, de 1971.

Sua obra de maior repercussão (e que volta aos palcos em 2012) é *Einstein On The Beach*, de 1976, que revolucionou a ópera pela inusitada combinação de luzes e sons, incluindo a trilha minimalista de Philip Glass. Com duas exposições na Metropolitan Opera de Nova York e montagem de US\$ 1 milhão, provou que a vanguarda também podia ser sofisticada. Wilson havia criado um novo nicho, e essa colcha de retalhos que mesclava arte, luz, música, dança e atuação tornou-se sua marca registrada. Mais de três décadas, uma centena de produções e algumas indicações a grandes prêmios depois, o artista não para – até uma linha de bolsas (fosforescentes) para a Louis Vuitton ele fez, em 2002. A exposição do IMS é seu feito mais recente.

Atenção: telas como as de *Video Portraits* também podem ser confeccionadas sob encomenda: por US\$ 150 mil você pode ter seu próprio retrato em movimento. No caso dos famosos que deram origem à mostra carioca, não houve cachês, cada um foi apresentado com sua própria imagem e cedeu a venda de outras duas. Quer dizer, se quiser, você ainda pode levar o Brad Pitt de cuecas para tomar chuva na sua sala.

**IMS: Rua Marquês de São Vicente, 476, Gávea, Rio de Janeiro. Até 15 de maio**

## POSES BEM ELABORADAS

Cliques do francês Jean Manzon, que retratou o Brasil dos anos 40 e 50, abrem galeria em São Paulo



Entre as décadas de 40 e 50, o Brasil estampado na revista *O Cruzeiro* era muito do olhar de um francês que fugira da ocupação nazista. Jean Manzon (1915-1990), que foi cinegrafista e fotógrafo das revistas *Vu* e *Match* (que ajudou a fundar e anos depois seria rebatizada como *Paris Match*), produziu, além de extenso registro fotográfico (mais de 300 fotorreportagens só para *O Cruzeiro*), 845 documentários, boa parte deles Brasil adentro. “Ele introduziu no País o fotojornalismo de autor”, comenta Monica Vendramini Reis, uma das sócias do FASS, escritório que representa fotógrafos do início do século 20 e está abrindo agora seu primeiro espaço expositivo, em São Paulo. “Suas fotos são sempre hiperiluminadas, com um flash estourado mesmo em cenas externas. E, acima de tudo, são posadas e muito dirigidas”, ela explica.

Pela Rolleiflex de Manzon passaram o Estado Novo de Vargas, a indústria brasileira nascente, o homem do campo, os primeiros traços de Brasília – ele foi convidado a eternizar a capital emergente pelo próprio Juscelino. Na mostra paulistana, o foco ficou em seu trabalho de moda: os desfiles da Casa Canadá e da Tecelagem Bangu. O retrato de Carmem Miranda, ao lado, foi feito no bastidor de um de seus shows no Brasil e ilustrou uma capa de *O Cruzeiro* na década de 40. À venda na galeria em tiragem limitada de 15 unidades, custa R\$ 15 mil. BEL MOHERDAUI

**Galeria FASS: Rua Rodésia, 26, Vila Madalena, São Paulo, www.fassbrasil.com. Até 28 de junho**